Elo do Imediato com o Infinito.
Competição e sangue entre majestades

Jefferson Del Rios

Duas Rainhas, na realidade são três princesas do teatro paulista. Juntas elas criaram o espetáculo com trechos da peça *Mary Stuart* de Schiller e invenções da diretora Cibele Forjaz e das atrizes Isabel Teixeira e Georgette Fadel. Há uma margem de risco na proposta. Algo áspero, imperfeito, diamante bruto, mas a cintilação do brilhante aparece.

Teatro vital pode ter desses desequilíbrios, deve tê-los, dizia Victor Garcia, o inesquecível diretor de *Cemitério de Automóveis,* de Arrabal, e *O Balcão,* de Jean Genet, espetáculos que arrebataram São Paulo naquele tempo nos anos 70.

A linha histórica da montagem refere-se às primas Mary Stuart, Rainha da Escócia (1542-1587) e Elizabeth I da Inglaterra (1533-1603), quando, no século XVI, essas regiões do atual Reino Unido eram ainda separadas embora formando a mesma ilha. Por razões políticas, estratégias de Estado e disputas religiosas essas mulheres se enfrentaram por vinte cruentos anos. A Historia, majoritariamente, é feita por homens, e, muitas vezes, violentos. É uma visão de mundo tão enraizada que nos espantamos quando se constata que o Feminino pode ser igualmente implacável. Catarina da Rússia não é um exemplo isolado. Séculos mais tarde, a partir de 1944, a Cortina de Ferro baixou sobre o Leste Europeu, a Romênia conheceu a mão pesada de Ana Pauker (1893-1960) vice-primeira ministra e fiel servidora de Stálin. Sem falar muito de Margaret Tathcher e dessa enigmática Condoleezza Rice, que negociou com o mundo em nome do Império Americano.

O poeta e dramaturgo alemão Friedrich Schiller fez da rivalidade humana e política uma obra de enorme carga dramática reproduzida periodicamente desde sua aparição em 1800. Uma de suas versões, na Inglaterra, colocou frente a frente as excepcionais, Vanessa Redgrave (Mary) e Glenda Jackson (Elisabeth). No Brasil, em 1955, foi um dos momentos altos do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) com as irmãs Cacilda Becker e Cleyde Yáconis, dirigidas por Ziembinski. Façanha repetida, em 1997, por Renata Sorrah e Xuxa Lopes, e agora, por Isabel e Georgette.

Este espetáculo é uma inovação e – vale repetir – um risco. É teatro dentro do teatro para nele incluir temas femininos e artísticos gerais, e as próprias vidas das interpretes. Com fita crepe criaram no meio do palco, um círcu-

---

Jefferson Del Rios é jornalista e crítico de teatro.

R3-A012-Nando.PMD 193 15/04/2009, 08:25

lo, labirinto ou – quem sabe – uma roda de candomblé, e nele elas circulam com suas fantasias e insolências de artistas e mulheres.

O fio do original (Schiller) e da Historia (as rainhas) freqüentemente é rompido com momentos de divagações banais e opções estéticas discutíveis (trajes grunges, super-representação, citações não claras) Mas tudo com energia contagiante, a peça correndo dentro da noite veloz. Subitamente, porém, Schiller impõe um tom cerimonial imponente. Em minutos o espectador transita de um espaço da avenida Paulista para o Castelo de Fotheringhay onde Mary Stuart foi decapitada. Não é um jogo fácil, mas Cibele Forjaz juntou o infinito com o imediato dentro da cenografia de Simone Mina em que um lustre pode ser coroa de luzes ou cárcere iluminado.

Georgette Fadel, uma vez mais, confirma seu temperamento impulsivo, sobretudo quando assume por inteiro Elisabeth I, a soberana da dinastia Tudor que transforma a Inglaterra em potência marítima. Rainha de mando tão sutil quando implacável. Como atriz tem algo de loba em um laranjal paulista. Doce e feroz.

Para Isabel Teixeira chegou sua hora e sua vez. Já dera sinais de talento e, dessa vez, voa mais alto mostrando ser a sobrinha neta de Margarida Rey (1922-1983) dama do teatro brasileiro. Circulando entre ambas, delicada presença no arrumar as cenas, Elisete Jeremias faz o público se lembrar que tudo é verdade, mas é tudo teatro. Não um teatro da tradição cultural do Ocidente, a arte bem feita segundo os cânones, mas outro, inquieto, imperfeito aqui e ali, e denso. Parece que dentro de *Rainhas* há uma Mãe de Santo definindo a narrativa com versos de Paul Celan, outro poeta de língua alemã: "Um dique de palavras, vulcânico, afogado pelo rugir do mar".

Crítica publicada em *O Estado de S. Paulo*, 29 de novembro de 2009, p. D4.

R3-A012-Nando.PMD 194 15/04/2009, 08:25